

A MODERNIDADE TRIUNFANTE...

MARTA DUQUE VAZ

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Este texto é para ser lido à luz de alguns conceitos de Erving Goffman, nomeadamente nos abordados em A apresentação do eu na vida de todos os dias, e, ainda, de Pierre Bourdieu em A Distinção, no que concerne aos modelos sociais do gosto e distinção. Recomenda-se também a reflexão de Marc Augé apresentada em Não-Lugares.

Goffman, à semelhança de Pierre Bourdieu, move-se ao longo da fronteira entre a sociologia e a antropologia social.

Este texto, apresentado tão só como um retrato, faz parte de um trabalho mais vasto que está a ser desenvolvido.

"o dispositivo espacial é, simultaneamente, o que exprime a identidade do grupo (as origens do grupo são, muitas vezes, diferentes, mas é a identidade do lugar que as funda, reúne e une)".

Marc Augé

Fechou um café na cidade do Porto. Soube que iria encerrar durante uma conversa ocasional com um dos seus habituais frequentadores e, a partir do dia seguinte, passei a frequentá-lo assiduamente. Pela frente tinha quase dois meses. Dias houve em que entrei às oito e trinta da manhã e saí às vinte e duas horas. Fiz daquele espaço público o meu objecto de estudo, o local onde desenvolvi o meu curto trabalho de campo. Primeiro integrei-me como estudante, no meio de tantos outros que, sozinhos ou em grupo, colocavam os livros em cima das mesas e, entre silêncios e trocas de opiniões, iam pedindo um café, umas águas, um croissant, uma tosta mista ou um cachorro. Depois, a quinze dias do encerramento, quando optei por fazer as noventa e seis entrevistas, revelei o verdadeiro motivo que me levava ali diariamente: observar e perguntar tudo quanto me fosse possível dentro daquele espaço que abriu portas ao público em 1975 e que agora, passados 23 anos e meio, iria fechar.

O desenvolvimento deste trabalho é feito no sentido de constatar que os cafés, no contexto urbano, são espaços de interacção social e

simbólica, conducentes à conversão desses mesmos espaços públicos em espaços "privados" e, de certa forma, complementares daqueles. O mesmo se passa com o tipo de relações aí desenvolvidas, sendo que a fronteira entre relações primárias e secundárias tende a ser esbatida.

UM CAFÉ NA CIDADE: CENÁRIO E PERSONAGENS

O Lima 5, café emblemático na cidade Invicta, palco de encontros e desencontros, diz quem o frequentou que já teve o seu auge cultural. A abertura foi mesmo um verdadeiro acontecimento na cidade. Ali se comentaram muitos factos políticos, se viveram outros. Ali nasceram músicas, escreveram-se letras inspiradas no ambiente do próprio café. Ali nasceram paixões e amores eternos. Ali se cruzaram cantores, músicos, escultores, arquitectos, engenheiros, professores, jogadores de futebol, empresários, estudantes, prostitutas, ilustres desconhecidos. Mais do que nunca o Lima 5 é já um café da memória colectiva ou

talvez já faça parte da “história social da recordação” como diz Peter Burke. E aqui remeto para a recordação dos grupos sociais como a entende o sociólogo Maurice Halbwachs.

Coladas com fita-cola nas colunas envidraçadas do café, folhas A4 na horizontal confirmavam o que me haviam dito: “Informamos os nossos estimados clientes que esta secção encerra dia 20 de Julho para obras. Desde já agradecemos a vossa compreensão. A Gerência”.

Afinal - pensei eu - encerra só para obras. Mais tarde, viria a saber que não era assim. As mesas de madeira redondas forradas a acrílico, as cadeiras de madeira gastas, o longo banco corrido forrado a napa verde garrafa iriam provavelmente dar lugar a mobiliário de design mais actual. Uns afirmavam que o café iria ser convertido em snack-bar, outros falavam na possibilidade de abrirem ali uma churrascaria. A incerteza mantém-se, pelo menos até à reabertura, no próximo mês de Setembro. Os espelhos e, principalmente, a pintura denunciavam mais de duas décadas de existência. Os ladrilhos castanho-escuro do chão confirmavam a necessidade de obras, mas não necessariamente imperativas. “O Lima 5 não era um café vanguardista, da moda, era um café, a fazer lembrar o café tertuliano”, como me disse, o engenheiro José Matias, cliente do Lima 5 desde o primeiro dia, usando já - apesar de estarmos sentados à mesa do café - o pretérito imperfeito.

O interior do café, de configuração rectangular, comportava espaços muito bem delimitados, não só pela função que tinham, mas também pela ocupação dos lugares. Quem entrava pela porta principal - envidraçada e

emoldurada por caixilhos de alumínio - encontrava, do lado esquerdo, uma pequena tabacaria com jornais, revistas, tabaco, registo de jogos. Seguia-se a copa e o balcão em forma de “L”. Entre este balcão e uma espécie de muros estreitos, talvez de um metro de altura, que delimitavam o espaço onde se serviam almoços e jantares, existia um espaço amplo que, para além de permitir o acesso ao interior do balcão, encaminhava, depois de se descer uma enfiada de escadas, as pessoas para o WC situado na cave. As casas de banho sim, reclamavam obras urgentes. A amplitude daquele espaço permitia também a azáfama provocada pela hora das refeições. Aí, cruzavam-se travessas, copos, pratos, ementas, num vai-vem entre o restaurante e a cozinha. Desde a porta principal da entrada até às pequenas divisórias estendiam-se cerca de 50 mesas e muitas mais cadeiras. Do lado direito, a acompanhar toda a parede e a aproveitá-la como suporte, estendia-se um grande banco que terminava no espaço reservado às refeições. Grandes portas de vidro - do tecto ao chão - deslizavam sobre frinças de metal para desbloquear a passagem para a esplanada composta por seis mesas de vinil branco.

Assim, temos os seguintes lugares dentro do café: tabacaria, balcão, restaurante, esplanada e aquele que ocupa maior área e que engloba ou denomina todos estes lugares - o café Lima 5. Ninguém diz “vou à esplanada”, “vou à tabacaria”, “vou ao restaurante”. Todos dizem “vou ao café” ou “vou ao Lima” e, depois, ocupam ou servem-se de um destes lugares.

As primeiras vezes que ali fui atendida por um dos empregados, o Senhor Reis (mais tarde um dos meus informadores) a abordagem foi breve e curta, quase inexpressiva:

Boa tarde. Faz favor...

Mais tarde, já eu andava por ali há uns doze dias, já pessoas que eu observava me observavam e cumprimentavam com um ligeiro inclinar de cabeça ou um breve sorriso. O Senhor Reis perguntava com certa familiaridade:

- Outra vez por cá?... Então o que vai ser hoje?..

E finalmente: "Então, menina Marta, está boa?.." E conforme a hora a que eu entrava seguia-se uma das duas perguntas: "Vai um cachorrinho com molho ou sem molho?" ou "Um café curto e umas águas sem gás?.." Na minha anuência a esta última pergunta, o Senhor Reis, invariavelmente vestido com calça preta e camisa branca, bandeja de metal na mão, voltava-se para o balcão e, ao meu pedido, juntava, de uma só vez, mais uns poucos que tinha mentalmente anotado durante o percurso que o levava à minha mesa e desta novamente ao balcão. Quase cantado, atirava:

- Quero duas águas sem..., dois cafés - um é curto - uma torrada com pouca..., um Ice Tea de Limão, uma tosta de queijo, um achocolatado fresco, um chá e um bijou seco, um sumo de laranja natural e um bolo de arroz.

Numa dessas tardes em que fingia estudar, olhos pregados no livro ou no aparente vazio, ouvidos postos nas conversas do lado, fazia 15 dias que frequentava ininterruptamente o Lima 5, um casal sentou-se numa mesa contígua à minha e perguntou: "Veio morar aqui para perto, não veio? Já há uns dias que vem por aqui. São muito simpáticos os empregados e, olhe, não é em todos os cafés que deixam

estudar. A minha neta disse-me que há cafés em que não deixam estudar e têm mesmo a proibição afixada na parede".

Num outro dia, a interpelação veio de um colega universitário: "Tens andado por aqui? Andas em quê, que eu pelos teus livros ainda não percebi muito bem?". "Antropologia", respondi... "Ah... eu sou de Gestão... E isso serve para quê?..."

Como estas, muitas outras abordagens aconteceram. Não era apenas eu que observava, que ia anotando perguntas, registando situações, analisando comportamentos. Se eu entendia estar a fazer trabalho de campo e observação participante, havia quem entendesse a minha presença como entrada num campo "reservado", onde era necessário observarem-me, interpelarem-me, saber quem eu era e porque é que passei a frequentar o Lima 5. O grupo de pessoas para quem o café Lima 5 era o "seu café" deu conta de que entrara um novo elemento. Tal como no "meu café", aquele que frequento diariamente, deram conta que eu tinha "desaparecido". Colocaram a hipótese - disseram-mo quando regresssei - de eu ter mudado de casa.

Numa dessas conversas em que eu era, simultaneamente, observador e observado, perguntador e questionado, falaram-me do abaixo-assinado que passo a transcrever:

À Exma. Administração do Lima 5

Os signatários - na sua qualidade de assíduos e fiéis clientes do café Lima 5 - sentem-se desgostosamente alarmados pelos rumores correntes da eventual conversão deste

recinto em snack-bar, numa muito próxima remodelação. Por isso é que, não pretendendo questionar o critério de gestão que decerto terá orientado a Empresa em tal direcção, se congregam neste documento para manifestar a V. Exas. o quanto se sentirão pesarosos e frustrados se tiverem que buscar outros Cafés – onde seguramente não serão tão bem servidos, quer na qualidade de cafetaria, quer, muito principalmente, ao nível de atendimento que os vossos estimáveis e eficientíssimos colaboradores de longos anos sempre lhes garantiram”.

Este documento, apesar de ter sido assinado por 125 pessoas, não obteve, por enquanto, qualquer resultado. A reunião que, à ultima hora, o administrador do café decidiu fazer para ouvir as pessoas não aconteceu por falta de “quorum”. Nem todos os signatários conseguiram ser avisados, para além de que algumas pessoas estavam já de férias.

Das 96 pessoas que entrevistei, apenas duas revelaram indiferença quanto ao encerramento do Lima 5. Quatro, apesar dos avisos afixados, tomaram conhecimento do encerramento por mim e, incrédulas, chamaram os empregados na esperança de um desmentido. Duas delas ficaram visivelmente abaladas perguntando: “E agora?... E agora para onde é que vamos?... Isto não tem jeito nenhum...”, dizia Luís Pereira, 50 anos, comerciante, cliente do Lima 5 há 18 anos. A maior parte das pessoas sentia-se desalojada, empurrada para fora de casa, como constatei através das entrevistas.

O Lima 5 tinha um leque de frequentadores assíduos muito diversificado, uma população muito heterogénea. Homens e mulheres de todas as idades e condições sociais, crianças e

jovens. Os estudantes, por exemplo, ocupavam geralmente o canto direito do café, incluindo as mesas destinadas à restauração, antes e após servirem as refeições. Nos restantes lugares, sentavam-se, geralmente, outras pessoas que, mais ou menos, tinham lugar certo. Havia também os clientes de balcão que raramente ou nunca se sentavam.

O Lima 5 era para muitos uma espécie de extensão da casa. Era ali que almoçavam, jantavam e/ou tomavam o pequeno almoço. “Entro ainda a dormir, trazem-me aquilo que eu quero sem sequer ter de pedir. É assim há 20 anos”, diz Carlos Dias, 47 anos, arquitecto, acrescentando “agora não sei como vai ser, nem quero pensar nisso”.

Para Manuel Freitas, 71 anos, militar reformado, o café surge apenas como local de lazer. “Gosto de vir tomar o meu cafezinho, cumprimentar as pessoas e depois entretenho-me com o meu livro de palavras-cruzadas”, explica aquele cliente do Lima 5 “há mais de vinte anos”. Da mesma opinião é Rita Palha, 23 anos, estudante, frequentadora do Lima há 3 anos. “Para mim o café é um local de divertimento, não gosto de estudar no café porque venho aqui para me divertir, conversar, estar com os amigos”. Rita contraria a opinião de todos os outros estudantes com quem falei e que encontram no café o local ideal para estudar, em detrimento das bibliotecas ou da própria casa.

Para outras pessoas o café é local de trabalho predilecto. “Venho cá três vezes por dia. À tarde, leio, preparo aulas, corrijo exames. Gosto muito de trabalhar no café e este é dos poucos que permite concentração. Estou muito aborrecida com o encerramento”, afirma Graça

Morais, professora do ensino secundário, 50 anos, frequentadora assídua há 16.

Há mesmo quem use o café para dar explicações. “Há professores que marcam aqui com os alunos e estão aqui horas a fio a ensinar”, informa-me o senhor Reis. Mas há também quem tenha como profissão fazer genealogias à mesa do café. “Trazem umas pastas cheias de livros e arquivos e ficam aí dias inteiros. Têm trabalhos encomendados”, informa o empregado de mesa, acrescentando “acho que agora estão de férias, não têm aparecido. Quem não tem aparecido é o arquitecto Siza Vieira que também costuma parar aqui”.

João Sousa, 39 anos, operador num hipermercado, cliente do Lima 5 há 14 anos, está convicto de que “o café precisa de obras, mas não devia fechar. Já estamos habituados a isto e eu meto aqui o jogo todas as semanas... Agora não sei como será...”.

Manuela, Fátima e Vítor, 22, 38 e 24 anos respectivamente, tarefeiros num organismo do Estado, frequentadores do Lima há 4 anos, subscreveram o abaixo-assinado, mas não acreditam que o problema se resolva. “Eles querem lá saber se a gente gosta do café, se nos sentimos cá bem. Já reparou como o café é grande? Já não se fazem cafés assim...”.

A maior parte das pessoas que encontrei mora ou trabalha perto do Lima 5. No entanto, há também quem venha de mais longe só porque o café agrada. É o caso do casal Silva Pereira, reformados, ela com 78, ele com 75 anos. Todos os fins de semana, há 23 anos, se encontram no café com a família. Às vezes, almoçam todos ali. “Eu e a minha neta estamos

muito tristes por isto fechar. Ela cresceu por aqui, hoje já está uma senhorinha. Se a menina estiver por aí, vai ver... Ela já deve estar a chegar. Vem com o meu filho e com a minha nora”.

Alfredo Barros, professor universitário, frequenta o café há cinco anos e encara o encerramento com alguma mágoa. “Sinto que é um bocão de mim que se perde. Vão apagar-se alguns vínculos, perder-se algumas pessoas. Aqui, eu falava com pessoas que nem conheço muito bem, mas com quem mantinha cumplicidades. Falava dos filhos, da profissão, trocava impressões sobre as notícias dos jornais, recordava situações... Isto é como que uma célula familiar”.

O casal mais velho que encontrei somava 176 anos, 88 cada um. Eram – ele e ela – reformados e frequentadores do Lima 5 desde o primeiro dia. “Sentimos uma absoluta tristeza, não só pelos empregados, mas também porque para nós, que moramos aqui por cima, era o sítio mais adequado pois não tínhamos de andar muito. Já conhecemos as pessoas, os empregados são nossos amigos, criámos aqui laços de amizade”.

O senhor Artur, por exemplo, é das pessoas que raramente se senta. Tem 65 anos, diz-se etnomusicólogo e frequenta o café há mais de vinte anos. Entra, espreita, conversa (ou não) e sai. “O que realmente me preocupa são as revistas. Onde é que, noutra sítio, me vão deixar folhear as revistas sem que as tenha de comprar?... A Research?... Onde vou comprar a Research?... Aqui o amigo do quiosque deixa-me ver as revistas, a mim e aos outros clientes. Aqueles que não deixam estão a ter procedimentos anti-culturais”.

Pedro, 40 anos, desenhador. Frequenta o café há 23 anos. Ir ao café representa um ritual diário. Trabalha no café. Fica horas sentado à mesa, por vezes leva os filhos consigo. Os barulhos peculiares do café estimulam a sua criatividade. O Lima 5 em particular. “Tem características que aprecio bastante: a luz, o espaço, a arquitectura. Já andei a ver outros cafés aqui perto, mas ainda não decidi nada. Estou muito chateado com o encerramento, ainda por cima vai reabrir com outra função. O serviço aqui é muito especializado, os empregados são atenciosos... Por exemplo, eu gosto de compotas e eles trazem-me compotas ao pequeno-almoço”.

Dulce Araújo, 61 anos, enfermeira, afirma: “para mim, vir aqui, mais do que um ritual quotidiano, é uma necessidade. Aqui relaxo, não há barulhos, pode ler-se. Aqui criei amizades e reforcei outras. O encerramento não me é indiferente”.

Carlos Pereira, 55 anos, professor, fala de redes de conhecimentos que foram estabelecidas no café, local onde há 20 anos toma o pequeno-almoço. Participou no abaixo-assinado porque entende que o encerramento é uma perda irreparável. “Os empregados já me conhecem. Conforme a altura do dia a que venho, já sabem o que eu quero. O ambiente é relativamente neutro. O conjunto de pessoas é interessante.”.

Um dos co-autores do abaixo-assinado, professor de História, 49 anos, foi movido por um sentimento de perda. “Um café como este não é nada vulgar encontrar-se no Porto. O espaço é óptimo, há luz, as mesas estão suficientemente separadas. Este é um espaço de

convívio, de tertúlia, onde convivem diferentes gerações”.

Estavam juntos quando os abordei. Um arquitecto e uma professora, ambos com 48 anos, e um engenheiro de 51. Vão ao Lima 5 desde a abertura. “Estamos tristes com o encerramento, mas não vamos alimentar esta tristeza. Acho que nunca mais nos vamos voltar a encontrar assim... Há grupos, como o do Consultor, o do Luís, que vai ser impossível juntar novamente. Isto é culpa do lucro, do lucro máximo... Já pensamos em comprar o café ...”, afirmam entre risos que pretendem esconder a tristeza.

Luísa, 38 anos, esmaltadeira¹, como refere, frequenta o café há 15 anos. “Venho aqui porque os empregados são uma simpatia e porque tenho prazer no que como que aqui é muito bom. Acho o café sossegado para ler o jornal e a “Maria”, afirma.

Nina e Joana são amigas e terapeutas. A primeira tem 60 anos, a segunda 34. Para elas o café é o ponto de encontro diário. Conversam, encontram amigos, marcam programas. “Há pessoas com quem não falamos, mas cumprimentamos. Este café tem vida própria, tem história. Daqui tenho muitas recordações, umas boas, outras más. Foi aqui que jantei com o meu marido pela última vez. Ao recordar tudo isto já chorámos, já rimos já passamos por muitos estados de humor. Estamos até a pensar em tirar uma fotografia, todos juntos... Os empregados são excepcionais. Muitas vezes deixamos aqui as chaves de casa, eles são de confiança...”.

¹ Esmaltadeira = prostituta

Explica Nina: “aqui, nós falamos dos nossos problemas. Quando estou mais deprimida, uma das minhas fugas é vir até ao café. Leio, escrevo, sei quem vou encontrar. Sinto uma certa nostalgia... Amanhã, já não vou poder atravessar a rua e entrar aqui como se este fosse mais um compartimento da minha casa...”. Acrescenta Joana: “aqui, determina-se o que se vai fazer à noite e no dia seguinte. É aqui que se decide. As minhas referências geográficas partem daqui.”. Depois, recorda: “era chique vir aqui, não só ao café, mas aos outros estabelecimentos. Há uns anos, era muito bem dizer, por exemplo, que se comprou hortaliça ao preço do camarão. Agora, já não é assim. Aqui, encontra-se pessoas de todas as classes sociais e toda a gente se respeita. Amanhã, vai ser uma grande frustração, não vamos encontrar um pedaço da nossa identidade”.

Um outro grupo habitual no café é constituído por quatro senhoras de 70, 80, 72 e 81 anos. As duas primeiras disseram ser mães e donas de casa. Das outras duas, uma é violinista reformada e a última professora universitária, também na reforma há uns anos. Encontram-se ali desde que o café abriu. Sentem já uma certa saudade e tristeza. Já pensaram em procurar outro sítio, mas, ali perto, onde também residem, não lhes parece haver alternativa. Pensam em passar a frequentar a casa umas das outras, “rotativamente” para continuarem com estes encontros que “são sempre muito agradáveis”.

Rogério Pinheiro tem 60 anos e está aposentado. Frequenta o Lima desde a sua abertura, com alguns intervalos pelo meio, motivados pela mudança de cidade. Também foi um dos dinamizadores do abaixo-assinado. O café é para ele a “segunda casa”. Não acha

justo que ao pretenderem fechar as portas do café não tenham pensado nas gerações de frequentadores que se mantêm fieis aquele espaço. “Se calhar, é um pouco lírico da nossa parte pensarmos que o documento que pusemos a circular iria sensibilizar os donos, mas pelo menos tentamos. Vamos ver no que vai dar... Pode ser que eles, quando reabrirem, nos reservem aqui um cantinho”.

O seu atelier fica em frente ao Lima 5. Rodrigo Tavares é escultor e tem 70 anos. Frequentador desde que abriu, diz apreciar o espaço físico e social do café, apesar de, ao nível social, ter sofrido algumas mutações. “Se reparar, este não deixa de ser um café de bairro. As pessoas cumprimentam-se, sabem quem encontram aqui. Eu, por exemplo, já encontrei antigos colegas e antigos alunos das Belas-Artes. Mas, infelizmente, os cafés estão a acabar. Olhe em Lisboa... Mas Lisboa é também uma cidade muito inconstante. No Chiado, por exemplo, já não há tantos cafés. Este café vai fazer-me falta e o seu encerramento vai obrigarme a alterar o ritmo do meu dia”.

Luís Manuel, 49 anos, professor. É outro dos três mentores do abaixo-assinado. Para ele, em particular, o encerramento do café é sentido com profundo descontentamento. E são diversas as razões. Luís Manuel move-se numa cadeira de rodas e desloca-se ao café diariamente há 23 anos. Os empregados trazem-lhe, sem que tenha de pedir, um copo de leite, uma torrada e uma nata partidas em pequenos bocados. Por uma palha sintética Luís Manuel bebe o leite e come pela mão dos empregados ou dos amigos que estiverem com ele. Também são os empregados ou os amigos que lhe dão o medicamento que toma diariamente. Mais do que a simples relação

empregado/cliente, existe uma relação de afectividade e admiração. “O professor é uma pessoa extraordinária, temos por ele bastante amizade, como temos por outros clientes. Há aqui clientes que já foram à minha terra e eu há deles”, afirma o senhor Reis.

“São muitas as pessoas que vem ter comigo a perguntarem-me para onde é que irei, agora que este café vai fechar. Mas ainda não pensei nisso” diz Luís Manuel, acrescentando que “o encerramento do Lima 5 vai contribuir para o desagregação da tribo. A ordem vai ser quebrada, os rituais vão extinguir-se e vai ser difícil voltar a encontrar um poiso comum”.

Encerrou mais um café na cidade do Porto. Pelo menos não se tem conhecimento que aquele espaço dará lugar a mais uma instituição bancária ou a local de consumo de fast-food.

A cultura urbana do café está a desaparecer. Os cafés que mergulhavam as suas raízes nos cafés impulsionados pelo marquês de Pombal, após o terramoto de 1755, estão em vias de extinção. O espírito do café tertuliano do século XIX tinha, ainda, alguma essência no Lima 5, um café onde não havia televisão e que encerrou mais cedo no último dia do Mundial de Futebol para os empregados poderem, talvez em suas casas, assistir ao desafio em que a França derrotou o Brasil. Encerrou um café onde as pessoas se encontravam para conversar, ler, criar.

O abaixo-assinado terminava assim: “Em verdade, muitos de nós trouxemos já connosco para este café os nossos filhos e netos, numa sucessão de clientela fidelizada que praticamente cresceu no Lima 5 como seu local favorito de convivência e bem-estar. Por

consequente, fazemos um apelo a V. Exas. no sentido de que – na medida do que for ainda viável empresarialmente – não nos seja removido este salão de Café, que alguns dos subscritores abrem, encerram e repetem de bom grado ao longo do dia, ao longo do ano – desde a sua fundação”.

O pano desceu. O último dia no Lima 5 foi aparentemente igual aos outros, mas só quem estava atento e frequentava o café podia notar a tristeza, o sentimento de perda e de desalojamento. Só quem conhecia os seus frequentadores sabia que perder aquele espaço significava perder um pouco da identidade, significava recordação, significava alterar o ritmo do quotidiano, mudar de hábitos.

No seu livro “Não- Lugares” Marc Augé escreve: “Presença do passado no presente que o excede e reivindica: é nesta conciliação que Jeans Starobinski vê a essência da modernidade”. É também desta essência e da minha observação que surge a modernidade triunfante...

“Se um lugar pode definir-se como identitário, relacional e histórico”, então o café urbano é um “lugar antropológico”, apesar deste ter “uma escala variável”.

Os actores/personagens prosseguirão carreira noutros teatros, noutros palcos. Colocarão a máscara e encenarão outras peças.

O Lima 5 encerrou, mas só alguns deram conta... *the show must go on*

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Miguel Vale de. 1991. "Da taberna ao café: a casa dos homens" in *Enciclopédia Temática Portugal Moderno, Tradições*, Pomo, Lisboa.

AUGÉ, Marc. 1994. *Não-Lugares. Para uma Antropologia da sobremodernidade*, Bertrand, Lisboa,

BURKE, Peter. 1992. *O Mundo como Teatro*, Difel, Lisboa.